

Táticas e conveniências no cotidiano das bodegas. Irati-PR, século XX.

Neli Maria Teleginski
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Assentavam teu nome e a quantia e penduravam no prego. (Paulo Ianiski)

Às vezes, eles vendiam nos domingos, mas pela janela! (Madalena Orreda)

Em Irati, cidade localizada no centro-sul do Paraná, os armazéns de secos e molhados, conhecidos localmente como *bodegas*, constituem lugares de memória e fazem parte das tradições e da identidade regional. No século XX as bodegas estavam por todo o município, tanto na área urbana como nos distritos do interior. Nesse início de século XXI, em plena era dos supermercados, elas continuam presentes e cativam fregueses que compram a retalho para pagar no final do mês. A tática da velha caderneta e as relações de confiança e conveniências construídas entre comerciantes e fregueses garante a sobrevivência de ambos.

Desde o início da ocupação do centro-sul do Paraná na passagem do século XIX ao século XX e da chegada da estrada de ferro São Paulo Rio Grande Railway, as bodegas se tornaram o tipo de comércio mais comum na região. Além de abastecer as famílias com alimentos e produtos diversos nas bodegas era possível saber as novidades, comer um pão com linguiça, beber uma cerveja, jogar baralho e conversa fora. Seus espaços singelos representavam importantes centros da vida social da cidade, das colônias de imigrantes eslavos e nos faxinais que marcavam a paisagem iratiense.

Nesse texto apresentamos resultados de nossa pesquisa de mestrado que abordou o cotidiano e as práticas socioculturais relacionadas àqueles estabelecimentos. Destacamos o diálogo teórico realizado com Michel de Certeau e Pierre Mayol (1996) e seus conceitos de *táticas* e *conveniências* para compreensão de algumas práticas – como o fiado, a transgressão dos horários oficiais de funcionamento do estabelecimento, a sociabilidade e a comensalidade – que se



10.4025/6cih.pphuem.279

apresentaram nas narrativas de comerciantes e fregueses de bodegas de Irati, coletadas e analisadas a partir da metodologia da História Oral.

De maneira mais ampla colocamos em debate o papel desses e outros espaços tradicionais de comércio e de sociabilidade nos processos de construção de identidades, especialmente na construção de identidades regionais.

Ressaltamos que abordar e estudar as bodegas, um tipo de comércio voltado ao abastecimento de alimentos e mercadorias em geral, em Irati, na primeira metade do século XX é, antes de tudo, abordar um lugar de trocas mercantis e de movimentação econômica envolvendo comerciantes e fregueses. Fregueses que por sua vez assumiam também o caráter de comerciante na medida em que levavam às bodegas produtos que podiam ser comprados pelo bodegueiro ou trocados por mercadorias expostas por ele em suas prateleiras.

No entanto, em nossa pesquisa tomamos aqueles estabelecimentos além de seu caráter de “intermediário de trocas” o que torna difícil a construção de uma definição que consiga elucidar e ao mesmo tempo conter a pluralidade das funções de uma bodega e das atividades exercidas pelos comerciantes. (BRAUDEL, 1996)

Nos dicionários da língua portuguesa a definição de bodega aparece associada à imagem de um ambiente rústico, às vezes sujo, que se destinava à venda de bebidas alcoólicas e alguns poucos gêneros alimentícios. No entanto verificamos que se trata de um ambiente muito mais complexo quanto à variedade de mercadorias à venda, com relação às suas funções na sociedade e a diversidade de seus frequentadores, não restrita ao público masculino.

A historiografia brasileira recente vem ampliando e aprofundando os estudos a respeito do comércio interno e do abastecimento, de alimentos e outros produtos. Ao abordar as atividades comerciais mais corriqueiras e descortinar as inúmeras formas de comércio voltadas à venda de alimentos e refeições trazem à tona importantes nuances das relações sociais, culturais, econômicas e políticas das regiões onde se localizam. As pesquisas têm avançado também no sentido de mostrar não somente a multiplicidade dos agentes mercantis e de mercadorias, mas também de subjetividades através da reconstrução de trajetórias individuais de comerciantes. ¹



10.4025/6cih.pphuem.279

Em nosso estudo percebemos que além das atividades comerciais banais, corriqueiras, ordinárias, que garantiam a manutenção da vida material e movimentavam a economia da região, verificamos que os bodegueiros teciam junto aos seus fregueses uma rede de apoio mútuo, de sociabilidade, de táticas e estratégias mercantis e sociais e de inúmeras conveniências para os agentes envolvidos.

Partindo do “conjunto de espertezas sutis e táticas de resistência” de homens e mulheres que buscam se apoiar de forma inventiva diante do “consumo” de bens materiais ou de diferentes situações, contabilizando proveitos sobre o “outro” ou estabelecendo relações de conveniência, Certeau nos aponta que o cotidiano, como o cotidiano em uma bodega, é construído não de maneira passiva, mas criativa. Um espaço ao mesmo tempo público e privado onde é possível observar a construção de um cotidiano ordinário e criativo. (CERTEAU, 1994)

Percorrendo as memórias verificamos que a lista dos compromissos e funções que exercia um bodegueiro em seu cotidiano era grande. Muita gente dependia de sua faina diária para comer, se vestir, trabalhar e se divertir. A figura do bodegueiro era estratégica para a vida e a economia em Irati durante a primeira metade do século XX. Vendia de tudo e por isso mesmo se envolvia em disputas com outros comerciantes. A câmara municipal também arbitrava as demandas, mas no fundo decidia sempre a seu favor deixando frestas nas leis e posturas, prontamente aproveitadas por ele. Muitos bodegueiros eram também vereadores e uma das mercadorias das bodegas era o apoio eleitoral. “Bodegueiros pequenos, médios ou grandes, em função dos favores, fiados e caronas, além do compadrio, eram líderes locais, amigos de todos...”, como informa Orreda (2010a).

A bodega se caracterizava como um empreendimento familiar e o bodegueiro como um comerciante que poderia estar envolvido com outras atividades simultâneas ao comércio de secos e molhados. Sua freguesia costumava ser grande e diversa: mulheres, crianças e homens.

Além do consumo e da sociabilidade, frequentadores e bodegueiros contabilizavam também benefícios, como a relação de crédito que os fregueses buscavam alcançar e que dependia do seu “bom comportamento” diante do comerciante. Este por sua vez deveria tratar bem seus fregueses, servi-los de



10.4025/6cih.pphuem.279

acordo com o gosto e as preferências de cada um, não prejudicá-los nos valores cobrado, manter a qualidade dos produtos exigida pelos clientes, e, se conveniente, dar crédito. Dessa forma mantinha a freguesia fiel e seu equilíbrio econômico. (CERTEAU, 1996, p. 118-119)

Na obra de Certeau, a fidelidade é entendida como algo simbólico, não contabilizável. É o efeito de um consenso, de um acordo entre o freguês e comerciante: um “equilíbrio elástico de uma rede de contratos tácitos” (CERTEAU, 1994, p.145). As relações de crédito nas bodegas são evidências significativas para analisar que entre os bodegueiros e seus fregueses havia situações intersubjetivas, convenientes e que extrapolavam as relações de mercado, dos preços e das trocas.

Madelena, moradora do bairro Riozinho e freguesa dos armazéns que lá existiram, comenta: “[...] tinha a caderneta que a gente levava de casa e eles anotavam na caderneta deles. Assente, no caderno, diziam [os fregueses]...”. (ORREDA, 2010b).

O comerciante e o freguês faziam as anotações de forma duplicada e cada um tinha o controle da compra. “O caderno era em duplicata. O [freguês] tinha um e eu tinha outro para o controle”, como também explica o ex-comerciante Gaspar Valenga (2011).

A caderneta materializava o consenso entre os fregueses e os bodegueiros na obtenção das mercadorias sem a mediação do dinheiro, pelo menos no ato da compra. Por outro lado também os agricultores e outros fornecedores locais também davam crédito aos bodegueiros, deixando sua produção agrícola ou artesanal “em haver”, para requerer em produtos ou dinheiro quando necessário. Em caso de perda da safra, devido ao mau tempo ou ataque de pragas o bodegueiro continuava abastecendo a família, esperando receber na colheita seguinte. Dessa forma a bodega funcionava também como banco.

Antonio Pavelski, lembra-se do armazém de sua avó onde se praticava também o chamado “fiado”:

[...] tinha as pessoas que compravam, que ela fazia no tipo da caderneta como eles diziam. Então eles compravam, anotavam tudo e no final do mês a pessoa pagava. Tinha muitos fregueses assim que a gente tinha confiança. E às vezes, quando nós ficamos com a casa comercial dela,



10.4025/6cih.pphuem.279

também continuamos atendendo aquele pessoal, mas alguma coisa a gente perdeu. (PAVELSKI, 2011)

Para que o freguês tivesse direito de ter sua caderneta precisava mostrar ao comerciante que a conta seria paga, para criar então o pacto. Pavelski revela como era construída a noção de fidelidade entre o comerciante e seus fregueses:

A gente ia conhecendo a pessoa, porque ela comprava e pagava, comprava e pagava, comprava e pagava...então era uma pessoa que você via que [quando] ela ia comprar [dizia] “não, então me dá só...eu vou levar...quero um quilo...[não, não] me dá meio quilo!”. Então você vê que é uma pessoa que não quer ultrapassar aquilo que tem. E quando você compra no fiado, que diziam antigamente: “é, me dá, sabe do que, me dá cinco quilos de cebola!”. Quando você compra no dinheiro você vai lá e compra dois quilos e daí até nem chega a estragar. Compra aquilo que dá certinho para a semana ou para o mês. E quando a pessoa é meio malandra então já leva em excesso, excesso, excesso e depois não pode pagar, e daí? E daí a gente perde. [...] É, daí a gente vendia um mês, dois, não pagou o mês anterior não podia vender mais: “Olha, sinto muito, mas não dá. O senhor está devendo aqui dois meses, então se o senhor pagar este aqui eu vou abrir crédito para cá. Se não, não.” Daí a pessoa não podia pagar este, nem este e não pagava os dois meses. Então ia lá seus cento e poucos mil réis ou cruzeiros naquele tempo. Era um dinheirinho bom viu, mas perdia. (PAVELSKI, 2011)

A manutenção do fiado ocorria mediante o pagamento da conta anterior. Podia até ser prorrogado por algum tempo. Se o pagamento não vinha o crédito era encerrado. O bodegueiro “estudava” o freguês. Sabia, pela experiência acumulada atrás do balcão, que certas condutas e atitudes dos fregueses eram indícios de futuros problemas.

A prática do fiado poderia levar o comerciante a perder um pouco de seu investimento. Por vezes, não tão pouco assim. Depois de dois anos de trabalho e muitas dívidas acumuladas por vender “fiado”, principalmente aos operários da construção do Seminário Franciscano Santa Maria, Gaspar Valenga desistiu do negócio e montou sua própria ferraria. Definiu sua bodega como um “fracasso”. O ferreiro acreditava que poderia ser bem sucedido. Valenga conta que grande parte dos seus negócios era feito com base no crédito:

Praticamente só fiado, só fiado, a maioria, maioria. Eu acho que tinha dias que eu vendia, vamos supor, assim naquele tempo, no meu caso, vender para um mil cruzeiros já era bastante, sabe, mas era novecentos de fiado e cem à dinheiro também. [...] Tinha o caderno. [...]. (VALENGA, 2011)



10.4025/6cih.pphuem.279

Joana Stroparo também lamentou que várias vendas realizadas em seu armazém não foram pagas, como o caso das vendas feitas para a Companhia de Água e Esgoto. Logo que ela e seu marido abriram o armazém, na década de 1960, o gerente da companhia contratada pela municipalidade para realizar serviços de água e esgoto na cidade pediu para que os operários pudessem se abastecer no armazém durante as obras. No entanto, o gerente não saldou sua dívida e o casal perdeu uma importante soma de um de seus primeiros “fregueses”. (STROPARO, 2011).

O fiado necessitava de sua contrapartida: o pagamento no prazo combinado. O bodegueiro também tinha que saldar seus compromissos. Tanto Valenga como Dona Joana, tiveram prejuízos justamente com o fornecimento para operários vindos de fora para realizar obras em Irati. Em princípio, seria uma ótima oportunidade de ganhos pelo volume dos negócios, especialmente para quem estava iniciando a vida no comércio. Entretanto, os operários da construção do seminário não eram franciscanos e o gerente da Companhia de Água e Esgoto não era honesto. O anotado nas cadernetas valeu apenas para um dos lados, que entrou com os gêneros e a confiança. Valenga fechou suas portas e levou três anos para pagar suas dívidas com muito trabalho. Dona Joana resistiu ao golpe e seguiu com sua bodega até o fim de sua vida, em 2012, hoje dirigida por seu genro.

Nas bodegas descritas pelo agricultor Paulo Ianisky (2011), da localidade rural de Gonçalves Junior, acontecia do comerciante “pendurar no prego” as pequenas dívidas que ficavam para depois, quando o dinheiro do freguês não bastava para pagar totalmente a compra realizada.

Ianisky lembra que fazia compras nos armazéns da Colônia Gonçalves Junior e às vezes acontecia de faltar um “pouquinho” de dinheiro para tudo que precisava. Casos assim eram frequentes e para não perder a venda e eventualmente o freguês, os bodegueiros praticavam o imemorial e notório “pendura”. Uma operação de crédito (ou fiado) à curto prazo, pois não se tratava de uma conta tradicional, com caderneta. Era uma venda à vista, com parte do pagamento a ser concluído na compra seguinte. Anotavam o nome da pessoa e o valor que devia, cravando ou pendurando o papelzinho em um prego na parede



10.4025/6cih.pphuem.279

atrás do balcão, sempre à vista de todos. Não se podia confiar na memória, na própria e na dos outros. Toda bodega tinha seu prego. Algumas, vários. Quando o freguês voltava, o pendurado era acertado. Pelo menos era esse o acordo informal. Por isso o bodegueiro sempre se despedia do freguês com um simpático e expressivo “até breve” ou “volte logo”. Aos melhores fregueses reservava um simpático e expressivo “volte sempre”.

[...] Assentavam teu nome e a quantia e penduravam no prego. [...] Na outra vez já olhava, se estava devendo aqui precisa pagar primeiro para depois comprar de novo. [...] Dos grandes era com cadernos, os que deviam bastante. Agora, de vez em quando que faltava dinheiro, um pouquinho, era no papelzinho. (IANISKI, 2011)

As compras maiores, para o mês ou mais, eram feitas totalmente no crédito, registradas nos cadernos ou cadernetas. Essas contas deviam ser pagas mensalmente ou na safra, dependia do apalavrado. O “pendura” funcionava como uma pequena astúcia ou tática, tanto de fregueses quanto de bodegueiros. Em uma sociedade marcadamente rural, sujeita a pragas, secas e borrascas, o dinheiro circulava aos poucos, na safra. O pendura e as cadernetas ajudavam todos a viver, ou ir levando.

A fidelidade almejada entre bodegueiros e fregueses não se fundava somente no frio interesse, no crédito pactuado. Outros elementos podiam contribuir para a melhoria de suas relações com a consequente melhoria na qualidade do atendimento e concessão de certas facilidades ou comodidades. No espaço da bodega, o cotidiano de seus usuários era construído a partir de diversas situações convenientes. A fidelidade também estava relacionada ao aumento da qualidade de certos produtos e da relação freguês/comerciante como ter “permissão” de transgredir o horário de funcionamento do estabelecimento.

No Riozinho, era comum o bodegueiro atender seus fregueses em pleno domingo, conforme revela Madalena: “Às vezes, eles vendiam nos domingos, mas pela janela” (ORREDA, 2010b).

A venda pela janela ou aos domingos e horários não permitidos assegurava um ganho adicional ao comerciante e acudia os fregueses na falta de algum



10.4025/6cih.pphuem.279

produto. Essa prática permitia também momentos de lazer e sociabilidade. Muitos fregueses usavam a janela como “balcão”.

José Maria também recorda que as bodegas em Irati não tinham horário para fechar, isto é, havia o horário estabelecido pela câmara municipal, mas na prática, ficavam até o último freguês: “quando o bodegueiro não queria ficar até tarde, simplesmente na primeira hora que desse uma chance de não ter ninguém ele fechava. Apesar de que ele ia ainda atender pela janela se aparecesse alguém!” (ORREDA, 2010a).

Essa conveniência oferecida pelos bodegueiros aos fregueses era facilitada pelo fato de muitos deles residirem no local de trabalho. Havia determinações da câmara quanto aos horários de funcionamento do comércio e atender os clientes em desacordo com elas implicava risco de multa. Mas, longe da fiscalização ou dispendo de fiscais coniventes, muitos bodegueiros trabalhavam até o último freguês.

Gaspar Valenga morava nos fundos de seu armazém. Conta que não tinha horário para fechar e não se lembra de incômodos com algum fiscal por trabalhar à noite ou nos domingos, períodos em que comércio devia permanecer fechado. No entanto, a hora de abrir era sempre a mesma: às seis horas da manhã, ficando aberto, não raro, até onze ou meia noite. Para manter-se conveniente, Valenga jogava o perde-ganha cotidiano, de que fala Certeau. Perdia horas de seu descanso para ganhar a fidelidade de sua freguesia.

Houart e Duart (2000) analisando as chamadas “estratégias não mercantis” dos “pulperos” de Buenos Aires (um tipo de comerciante semelhante ao bodegueiro) mostram que a figura folclórica do “pulpero” foi descrita pela literatura e pela historiografia argentina como aquele a quem a população recorria para obter o fiado, o desconto, o empréstimo ou adiantamento em dinheiro. A oferta desses benefícios econômicos adicionais eram formas do comerciante conservar seus clientes cativos.

No entanto, para reter uma clientela que não era cativa e fazer com que se tornasse cativa, os comerciantes lançavam mão de outros ardis para atraí-la e que ultrapassavam as questões mercantis. Eles transformavam a pulperia em um espaço aberto aos jogos de baralho, bocha, entre outros, fornecendo também



10.4025/6cih.pphuem.279

combustível para a peleja contra a sorte ou o azar: bebidas alcoólicas para degustação no próprio estabelecimento.

Depois do expediente na serraria do Anciutti no Riozinho e nas demais serrarias e oficinas espalhadas pela cidade de Irati, as bodegas faziam a transição do espaço público do trabalho para o espaço privado da casa. Conforme Madalena, a afluência dos operários ou dos agricultores ocorria à tarde. “Quando eles saíam da serraria ou quando acabava o trabalho da agricultura, vinham tomar os traguinhos deles, daí eles ficavam jogando, contando anedotas e causos, como eles diziam, não é, contando causos...” (ORREDA, 2010b).

Para apimentar os jogos ocorriam pequenas apostas valendo cervejas ou sanduíches de pão com linguiça, não raro acompanhado de trilha sonora. Os estabelecimentos eram frequentados por cantadores e tocadores de viola que com suas modas e improvisos agitavam o ambiente.

As bodegas, no fim de um dia de trabalho, aos sábados ou nos domingos depois da missa ou mesmo durante a mesma, tornavam-se ponto de encontro de trabalhadores e não trabalhadores. Algo semelhante ao que ocorria nas pulperias argentinas e também nos botequins cariocas descritos por Chalhoub (1986), assumindo características relacionadas à sociabilidade masculina. O aspecto de bar que caracterizava as bodegas nesses momentos de maior frequência masculina não impedia que mulheres, moças e crianças se dirigissem até as bodegas nos mesmos horários para realizar suas compras, pois eram também armazéns de abastecimento que ocupavam um papel decisivo na cultura alimentar de seus fregueses.

A maior parte do que consumiam em suas casas passava por suas portas, por seus livros borradores. Por outro lado, a comida consumida dentro do espaço da bodega se revestia de um caráter agregador e que muitas vezes assumia um significado maior do que apenas se alimentar. Para alguns fregueses, transformados em comensais, comer certos “pratos” nas bodegas era uma verdadeira festa gastronômica. Degustar os petiscos servidos pelo bodegueiro durante as compras ou jogos, esticava a conversa e a fêria do dia.

Aqueles estabelecimentos não eram exatamente um espaço de venda de refeições, como um restaurante. Vendia-se comida, isso é certo. Aquelas que se



10.4025/6cih.pphuem.279

levavam para preparar e consumir em casa. Arroz, feijão, farinha, enlatados, carnes, banha, entre outras. No entanto, era possível comer nas bodegas. Oferecer comida pronta para ser degustada no balcão era uma forma do bodegueiro solucionar a fome daqueles que estavam longe de casa. Ter algo para beliscar embalava as reuniões dos que buscavam a bodega para se divertir ou simplesmente “matar o tempo”. Mais umas das conveniências oferecidas pelo bodegueiro aos seus fregueses. Geralmente eram refeições “secas”, conforme Ianisky (2011).

As “refeições” servidas nas bodegas tinham como base o pão, feito em casa ou pelos padeiros da cidade. O recheio variava de acordo com o “gosto do freguês” ou com a disponibilidade de produtos.

Pão com linguiça, salame, salsicha, “xaxixo” (salsichão), mortadela, sardinha, pescada ou até mesmo banana madura, eram os clássicos das bodegas iratienses. Eram populares também as conservas com pepino, ovo, peixe e salsicha geralmente guardados em grandes vidros, deixados em exposição no balcão para estimular visualmente os apetites de quem chegava. As iguarias “secas” das bodegas pediam acompanhamentos líquidos. Entre os alcoólicos mais recorrentes estavam a cachaça, cerveja, vinho, “fernet”, licor, genebra, vermute, entre outros. Havia também café, chimarrão, “refrescos” e as apreciadas “gasosas” ou o “gasosão”. Estavam presentes na comensalidade das bodegas e faziam parte da alimentação, acompanhando as refeições. (VALENGA, 2011; PAVELSKI, 2011)

A prática de servir sanduíches no balcão, além de uma conveniência, não raro se transformava diversão. Exemplo disso é que essas singelas, porém eficientes refeições entravam no rol das apostas dos jogos nas bodegas. Gaspar Valenga (2011) comenta que era comum durante uma partida de bilhar ou baralho a aposta de uma “janta”, que podia ser uma lata de sardinha ou pescada com cebolas picadas na hora, pão com linguiça frita ou uma porção de pepino azedo com cerveja.

O ambiente das bodegas era despojado e simples. Não dispunham de mobília que lhes conferisse semelhança com um pequeno restaurante. Mesas e cadeiras eram poucas, fazendo do balcão o centro das refeições e da comensalidade. Madalena relata que algumas bodegas “tinham umas cadeiras e, para fora, bancos onde o pessoal sentava quando ia beber pinga, tomar os



10.4025/6cih.pphuem.279

traquinhos deles. Então eles sentavam naqueles bancos, às vezes em alguma cadeira” (ORREDA, 2010a).

Ao descrever o espaço físico dos armazéns que conheceu Madalena também comenta que os balcões e portas eram cheios de propagandas de produtos como cerveja, mas havia também avisos importantes para a comunidade como cartazes das festas religiosas das paróquias e capelas, bailes, torneios esportivos e campanhas de vacinação. Funcionavam também como correio onde circulavam as cartas, recados e pequenos bilhetes oferecendo algum objeto ou animal para venda.

Além de ser um lugar de comércio, ponto de encontro para diversão com bebidas, jogos e música, era também o lugar aonde as notícias chegavam primeiro, e a partir do qual se propagavam. Oliveira afirma que através dos comerciantes e dos “velhos frequentadores” dos armazéns de secos e molhados paulistanos no século XIX, as notícias diárias da vida da cidade ecoavam. Eles eram locais “de origem e de final das histórias”. Para Pierre Mayol é através dos armazéns que um “bairro fala”. (CERTEAU, 1996, p. 128)

A bodega possuía peculiaridades e atrativos que favoreciam o encontro e a reunião de pessoas. O atendimento informal e familiar, a mistura dos espaços e funções (armazém e botequim), a localização e as facilidades de negócio. Na bodega os negócios eram realizados e as amizades eram estreitadas enquanto se cortava um salame ou se bebia uma cerveja.

O abastecimento, o bate-papo, o jogo, a música, a notícia. Motivos que levavam as pessoas à bodega não faltavam e eram diversos, havendo ainda a possibilidade de aplacar a fome, a sede, a tristeza e a solidão. Tudo o que se podia fazer na bodega ficava melhor se acompanhado por um tira-gosto ou um rabo de galo. Tantas vezes, era essa a única razão da frequência.

Em Irati muitas bodegas atualmente resistem à presença de novas formas de comércio, como os supermercados e continuam sendo frequentadas por velhos fregueses. Em nosso trabalho buscamos apresentar aspectos do cotidiano – táticas e conveniências – das bodegas evidenciadas nas memórias de fregueses e comerciantes buscando abrir um debate sobre sua importância para os processos de construção de identidades regionais.



10.4025/6cih.pphuem.279

Referências

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo**. O Jogo das Trocas. São Paulo: Martins Fontes, 1996, v. 2.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MAYOL, Pierre. A conveniência. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CHALHOUB, S. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. São Paulo: Brasiliense, 1986.

HOUVART, Carlos Van; DUART, Diana A. Las prácticas mercantiles de los pulperos. In: MAYO, Carlos A. (org) **Pulperos y pulperías de Buenos Aires (1740-1830)**. Buenos Aires: Biblos, 2000.

IANISKY, Paulo. Entrevista concedida à Neli Maria Teleginski em 21/05/2011.

OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. **Entre a casa e o armazém**: relações sociais e experiência da urbanização: São Paulo, 1850-1900. São Paulo: Alameda, 2005.

ORREDA, José. M. Entrevista concedida a Neli Maria Teleginski em 24/02/2010a.

ORREDA, Madalena M. A. Entrevista concedida à Neli Maria Teleginski em 24/02/2010b.

PAVELSKI SOBRINHO, Antonio. Entrevista concedida a Neli Maria Teleginski em 19/05/2011.

STROPARO, Joana. Entrevista concedida a Neli Maria Teleginski em 23/05/2011.

TELEGINSKI, Neli Maria. **Bodegas e bodegueiros de Irati-PR na primeira metade do século XX**. 250 p. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Paraná, 2012.

VALENGA, Gaspar. Entrevista concedida a Neli Maria Teleginski em 25/02/2011.



10.4025/6cih.pphuem.279

¹ A revisão historiográfica relacionada ao tema pode ser consultada em: TELEGINSKI, Neli Maria. **Bodegas e bodegueiros de Irati-PR na primeira metade do século XX**. 250 p. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Paraná, 2012.